



Internato da bola pelo sucesso

Futebol

Como os jogadores tornaram-se figuras da sociedade do espetáculo

Caroline da Silva

Sucesso, dinheiro, fama, mulheres. São as palavras mais usadas quando o assunto é jogador de futebol. O “caso Bruno”, como ficou conhecido o episódio do desaparecimento da garota que dizia ter tido um filho do ex-goleiro do Flamengo, lançou luz a um tema que já preocupava pesquisadores e assistentes sociais: atletas do gramado sendo cultuados como celebridades.

O antropólogo e professor da UFRGS Arlei Damo, que estuda o esporte há algum tempo, avalia que “não apenas em razão do tratamento dado aos artistas e aos jogadores, mas por diversos outros aspectos, existem muitos pontos em comum entre a Indústria Cultural e a Esportiva”. Segundo o docente, ambas lidam com a produção e o consumo de bens simbólicos: “Dado que a fronteira entre a ficção e a vida real é embaçada, muita coisa da esfera privada é tornada notícia, produzida e consumida como mercadoria, às vezes com o mesmo interesse que a ficção (ou o jogo, para o caso dos jogadores)”.

Construção do mito – Os atletas, protagonistas de um espetáculo televisionado ao qual 40 mil espectadores também aplaudem ao vivo, donos de contratos milionários, tornam-se alvo de fetiches culturais. No entanto, o professor de História Cesar Guazzelli, apaixonado pelo tema, afirma que “desde os anos 1930 já existe esse tipo de culto ao jogador de futebol como se fosse um astro”. Entretanto, não é possível identificar o rito da celebridade antes desse período por não haver fontes jornalísticas – os cronistas esportivos surgem na década de 30. “Aqui tinha o Tesourinha e outros [jogadores], mas só a partir dos anos 1930/40”, exemplifica o pesquisador.

Isso é compreensível porque o esporte se torna profissional a partir desse momento, assim como a visão de que a mistura racial brasileira é positiva. “Aí surgem os grandes ídolos, como o Leônidas da Silva. Diamante Negro marcou [época]. Ele foi chamado assim



Juliano Fogaça (20) e Douglas Souza (18), das categorias de base do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, residem no próprio estádio do clube

e talvez tenha sido o primeiro cara a ter seu nome ligado a um produto, o chocolate. Tem toda uma série de analogias que vão sendo feitas: o jogador é considerado tão precioso quanto um diamante e depois se torna, ele próprio, representante de uma cadeia de produtos”, narra Guazzelli.

Fator mercado – Para Arlei Damo, há muita dificuldade de se demarcarem as fronteiras entre o público e o privado. “Os jogadores aqui são uma espécie de referência em termos de masculinidade (de certo tipo, bem entendido), de sucesso no plano profissional (quantos meninos tentam e não conseguem ser profissionais da bola?) e econômico (muitos saem da miséria para a riqueza)”. A hipótese da onipotência decorre exatamente desses três fatores.

Depois da fama, da divulgação do nome (em função do talento), surgem as chamadas “maria-chuteiras”. Os meninos, que crescem em alojamentos de clubes, em sua maioria se



Estátua do ídolo colorado Tesourinha, que participou do chamado Rolo Compressor na década de 1940. O primeiro a surgir por aqui e a se transferir de clube por um valor considerado altíssimo.

casam cedo em função da carência que sentem durante sua trajetória nas categorias de base. Mas, ao alcançar relativa projeção, sofrem com o assédio de mulheres “quase profissionais”, que sabem da remuneração que certos jogadores alcançam. Guazzelli considera que a trajetória de um astro

desse – como são denominados – deveria ser acompanhada por certo tipo de proteção. “Ao contrário, tem uma série de pessoas que ficam extorquindo, parasitando o craque”, lamenta. Assim, meninos-homens migram para as farras, noitadas regadas a drogas lícitas e ilícitas e sexo, que mais frequentemente podem ser acompanhadas por um jornalismo que não é só o conhecido como de fofoca.

O professor de História explica que, numa sociedade que exige que tu te apresentes, que frequentes os jornais, é normal os jogadores já famosos não quererem comparecer a eventos com suas desconhecidas namoradas de infância: “Tu vai aparecer com a Adriane Galisteu, sei lá eu quem. Tem que aparecer com alguém que também esteja compatível. É um jogo muito complicado de lidar, muito cruel”. Dessa forma, a mulher “conquistada” também é sinônimo de carreira bem-sucedida, mais um troféu, como os carrões e as mansões. “Agora, se isso começa a te criar problema, qual é a

solução? As soluções vão estar baseadas no que tu achas que pode comprar – e isso não é uma condição exclusiva do jogador de futebol.”

Questão de cidadania – Na visão de Guazzelli, “é óbvio que, se pegar um sujeito desestruturado e der a ele um poder econômico desmedido, sem nenhum limite e sem ninguém que sirva de apoio, no sentido de transformar a personalidade”, problemas como os citados acima podem ocorrer. Ele diz que o sujeito não precisa estudar, mas que ao menos saiba do seu papel social. “Um exemplo muito usado: o esporte é capaz de tirar as pessoas da rua. Essa é a ideia de que, se todo mundo jogar futebol, não vai ter tempo de ser trombadinha; se todo mundo jogar futebol, vai ser feliz e contente.” O professor diz que o jogador de futebol tem esse papel de divulgar a cultura física e os valores maiores. E isso funciona para alguns poucos jogadores que têm esse tipo de consciência. “Montam escolinhas, promovem ONGs, mas normalmente essas pessoas já vêm de uma camada mais diferenciada”, avalia.

De meninos a mercadorias

A redundância sobre fama e dinheiro é inevitável, já que foram esses os interesses ouvidos dentro do alojamento do estádio Olímpico, na capital (ali vivem os 70 atletas de ponta, de 12 a 20 anos). O rapaz da foto, sentado na cama, se chama Juliano Fogaça, tem 20 anos e é de Santa Cruz. Saiu de casa aos 13 para jogar no Juventude. Depois, passou pelo Internacional e agora está nos juniores do Grêmio. O outro garoto, deitado, é Douglas Souza, tem 18 anos, é de Alpinópolis (Minas Gerais). Veio para o clube tricolor em março deste ano, convidado depois de ser observado no campeonato de categorias inferiores, realizado no município gaúcho de Santiago. Ambos

começaram no esporte porque gostavam da bola e logo alcançaram destaque em suas cidades. Veem no futebol a possibilidade de ganhar dinheiro para ajudar a família.

Há cinco anos, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense conta com um departamento psicossocial, tendo uma psicóloga, uma estagiária de psicologia, uma assistente social, uma educadora social (estudante de Serviço Social) e também duas nutricionistas. Os atletas alojados são de responsabilidade do clube. Para aqueles entre 12 e 18 anos, a escola é obrigatória pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O departamento os matricula e acompanha o desenvolvimento

escolar durante todo o ano. Também marcam e os acompanham em consultas médicas, quando feitas em especialidades que o Grêmio não oferece. Além disso, os atletas dispõem de convênio médico.

A psicóloga Jacqueline Volino disse que são promovidos passeios culturais, sessões de cinema, teatro e passeios turísticos. Ela trabalha elementos como motivação, atenção, concentração, rendimento. Por isso, o departamento com foco nas categorias de base é transdisciplinar: “Porque nós entendemos que esse ser humano em formação não está em formação só esportiva, mas em formação social e psicológica. Nessa idade, vai

desenvolver o caráter, as relações humanas; e nós estamos responsáveis por ele”.

Assistente social que implantou o serviço social no Sport Club Internacional de 1997 a 1999, Maria Luiza Bitencourt alerta para a aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente e das normas trabalhistas ao futebol. Ela realizou pesquisa sobre o tema e adverte para a prática de encarar jogadores como produtos. Segundo Malu, o papel do assistente social está em contribuir para a formação desse indivíduo que, antes de jogador de futebol, é um cidadão. Segundo a assessoria de imprensa do Inter, o clube hoje tem duas assistentes sociais atuando na base e no grupo profissional.